

OS Cozinheiros D'Oz

(Teatro para a Infância)

Personagens:

O Chefe de Cozinha

A Ajudante de Cozinha - Umbelina

O Cantor

UMBELINA

Cozinhar... Só cozinhar!
Estou farta! Eu não aguento!
Quem me dera um casamento
que me pudesse livrar
da canseira desta vida.
Dia e noite, noite e dia
eu vivo nesta arrelia.
Já tenho as mãos esfoladas
e as unhas estão rechadas
de tanto prato lavar.
Como posso eu casar
com as mãos, assim, neste estado?
Não arranjo um namorado
que deseje a minha mão!
Todas casam e eu não
sou pior que a Carochinha!
Mas que triste sina a minha
que tristeza, que aflição!

Tenho um Chefe que é maluco
um prosápias, um mandão
sempre a gritar comigo
«Umbelina varre o chão!»
(pega na vassoura e varre)

«Estende-me aquela massa ali!»
(*pega no rolo da massa e executa*)
«Umbelina olha o fogão!»
(*corre para junto do fogão*)
«Tira a panela daí!»

(*Vem junto da mesa, atira com o pano para cima do tampo e diz:*)

·Ah! Mas isto vai acabar
juro por Deus que é verdade.
Assim que ele chegar

peço-lhe para Contratar
alguém para me ajudar
ou então vai cozinhar
com a loiça por lavar!

(*Circundeia o olhar pela cozinha e começa a rir.*)

Quero rir só de imaginar
a cara do meu chefão
que julga ser campeão
da arte da culinária!
Coitado! Sem mim ao Lado
não faz nem um cozinhado!
Ele só sabe mandar!
«Umbelina vai cozinhar»
(«— Sim, chefe!»)
«Põe sal naquele guizado!»
«— Sim, chefe!»
«Põe a carne a marinar!»
"— Sim, chefe!»
"Cuida-me daquele assado!»

(*Simula fazer uma terceira continência para a personagem ausente, mas reprime o gesto. Chega junto da mesa, bate com o punho no tampo e diz:*)

Basta! Chega! É demais!
Eu sou escrava, ele é rei
do reino da fantasia
porque sou eu quem trabalha
sob a sua tirania!

O chefe, que espreitou o monólogo da Umbelina, entra em cena. Vem furioso!)

CHEFE
Que estás tu a resmungar
ó rapariga sem tino?

UMBELINA
Estou-me a queixar do destino,
da sina, do triste fado!

CHEFE
Não comes tu que te farte?

16

UMIIELINA
Quem dera que uma boa arte
me arrancasse a este estado!

CHEFE
Pára com as lamentações
e prepara-me esse tacho.
Apetece-me cozinhar
petiscos sensacionais,

deliciosos, assombrosos,

bolos cheiinhos de creme

especiais para gulosos.

UMBELINA

Vós não sabeis cozinhar!

CHEFE

Tu ousas sequer duvidar
da minha sabedoria?

UMBELINA

Se for como é habitual...
«Umbelina bate a massa...

barra-me aquela forma ali...

Umbelina dá-me a taça...
traz-me já o *chantilly!* . . . »

CHEFE

Pois tu não és ajudante!

UMBELINA

E vós chefe de obras feitas!

CHEFE

Ó Umbelina tratante!

UMBELINA

Cozinheiro sem receitas!

CHEFE

Moçoila tão atrevida
nunca vi na minha vida!

UMBELINA

Cozinheiro tão fanfarrão
não existe no mundo, não!

CHEFE

Vês este rolo de massa?
Vou encher-te de pancadas!

(Prepara-se para correr em redor da mesa da cozinha.)

UMBELINA

Vês esta colher de pau?
Se me tocares, levas tau, tau!

(As duas personagens encetam uma breve perseguição em redor da mesa. Enquanto se perseguem, continuam:)

CHEFE

Umbelina, Umbelina!
18

UMBELINA

Ai chefinho papa fina!

CHEFE

Se te agarro, comes com o rolo.

UMBELINA

Tonto, idiota, tolo!

CHEFE

Torta, desajeitada!

UMBELINA

Feio, narigudo, mau!

CHEFE

Se te agarro, levas com o pau!

UMBELINA

Não me apanhas, não me apanhas

Sei correr com muitas manhas!

(O chefe começa a dar sinais de algum cansaço.)

CHEFE

Pára com a correria!

Basta de tanta arrelia!

UMBELINA

Tu prometes não bater?

CHEFE

É uma jura prometida!

UMBEUNA

Pousa o rolo da massa, ali.

CHEFE

Põe aqui a colher de pau.

UMBELINA

Tu, primeiro!

CHEFE

Primeiro, tu!

UMBELINA

Vá, os dois ao mesmo tempo!

(Os dois personagens simulam colocar a colher e o rolo sobre a mesa. Desconfiados, voltam a empunhá-los.)

CHEFE

Como hei-de acreditar
em tão louca rapariga?

UMBELINA

Gostava de ser tua amiga
se me fizesses a vontade...

CHEFE

Que vontade? Diz depressa!
Que queres tu que aconteça?

UMBELINA

Pousa esse rolo da massa
e vamos então conversar.

(Tanto o rolo da massa como a colher de pau são colocados no centro da mesa, com simetria cuidada. Os dois personagens sentam-se sobre o lampo, cada um em sua esquina.)

CHEFE

Estou disposto a escutar
as tuas reivindicações!

UMBELINA

Eis, pois, as minhas razões
aqui expostas claramente:
não há ninguém que aguarde
este meu triste penar.

Dia e noite, noite e dia
lavo panelas e tachos
limpo a loiça e o fogão.
Ando numa aflição
numa lida de canseira
e eu quero arranjar maneira
de algum outro aviamento.
Quero arranjar casamento
encontrar um maridinho
para me estimar e amar.

CHEFE

Umbelina, tu queres casar?
E quem te quer para mulher?

UMBELINA

Eu hei-de achar um qualquer
que se apaixone por mim!

CHEFE

Como há-de ser isso assim
se tu és tão preguiçosa?

UMBELINA

Oh!, mas eu sou bela e formosa
e se marido encontrar
há-de ser rico, famoso.
Lindo, alto, com bigode
salva-me desta secura
e para as minhas mãos beijar
leva-me antes à manicura!

CHEFE

É mais doida que parece
não sei o que lhe acontece
para só pensar em casar
em lugar de trabalhar.

Ouve, minha ajudante,
e se em lugar de um príncipe
te aparecer um tratante
pobre, esfarrapado e mau?

UMBELINA

Venha quem vier por bem

Há-de ser bem recebido.
Que para meu amor e meu bem
eu hei-de arranjar marido.
E esta é uma condição.
A segunda reivindicação
diz respeito ao trabalho:
preciso de um ajudante
para me auxiliar.

CHEFE

E onde o vou eu arranjar?

UMBELINA

Sem ajuda para o jantar
hoje não há que comer.
Eu não vou mais trabalhar.

CHEFE

O salão está cheio de gente!
Tenho tanto cliente,..
Como alimentar as pessoas?

UMBELINA

Dá-lhes... bicos de rouxinóis!

*(Ouvem-se uns acordes de viola que ecoam dos bastidores.
O Chefe e a Ajudante permanecem à escuta, na expectativa.)*

UMBELINA

Que música celestial!
Que som belo, divinal,
Quem será que toca assim!

CHEFE

Eu vou ao salão saber
quem sabe tão bem mexer
nas cordas de uma viola.

(O Chefe sai de cena e Umbelina vai espreitar à janela da cozinha. A música ouve-se cada vez com maior intensidade. Para esta intervenção musical sugere-se que o Professor e os Alunos criem uma linha melódica característica dos cantadores de rua.)

VOZ DE CANTOR

Boneca airoso
tu és fresca rosa
com tão belo cheiro.
Eu canto e encarno
teus olhos de espanto
minha flor d'abrolhos
dá-me cá dinheiro!

(Pausa. Repete o refrão:)

Minha flor d'abrolhos
dá-me cá dinheiro!

(O Cantor suspende a canção. Ouve-se o tilintar de moedas numa caixa e logo de seguida a voz do Chefe:)

VOZ DO CHEFE

É proibido pedir esmola
com viola ou com pregão
acompanhe-me à cozinha

quero dar-lhe uma palavrinha
ou vai já para a prisão.

(O Chefe e o Cantor entram na cozinha. Este trovador dos tempos modernos tem uma longa cabeleira e viola a tiracolo.)

UMBELINA

Oh, cantor dos meus encantos!

CHEFE

Cala-te agora tu
Quero falar com o gabiru
pobretana, remendão
que teve o desplante de entrar
ali dentro do salão
para esmola pedinchar
a gente de tão boa condição.

UMBELINA

Quem sabe se ele vedeta
e quer passar por incógnito?

CHEFE

Hei-de entregá-lo à polícia?

UMBELINA

Ele não pecou por malícia!

CHEFE

Diz lá, ó pobre diabo
mas afinal quem és tu!

(O Cantor nega definir a sua identidade. Diverte-se simulando ser louco.)

CANTOR

Nem eu sei já bem quem sou!
Serei galo? Cocorococó! Oh pesar da minha avó!

CHEFE
Tu ousas gozar comigo?

UMBELINA
Quem és tu, lindo cantor?

CHEFE
Responde-me sem mais detenções
Mas quem és tu afinal?

CANTOR
(Mantém o mesmo jogo enigmático.)

Não mereço quem pareço
nem pareço quem mereço!
Serei galo? Cocorococó!
Oh pesar da minha avó!

UMBELINA
Ai que o cantor variou! *ser modU*
'Tadinho, está mal da tola!
Não regula bem da bola!

CHEFE
Menina, tenha maneiras.
Não vê que o cantor é parvo?

CANTOR
Eu só digo quem sou
se me deixares cantar!

Canta o queres dizer, amigo!

(Primeira canção da peça. Aqui se sugere a letra, que pode ser modificada.)

CANTOR

Sou Bonifácio cantor
de ruas e de vielas
e tenho enorme valor
porque eu canto só p'ra elas!

Sou Bonifácio cantor
das ruas e do metrô
eu canto melhor que falo
e não calo o meu amor.

E já que falo no assunto
confesso-me apaixonado
por esta linda menina
que Deus quis pôr ao meu lado *a voz*.

UMBELINA

Que cançoneta bonita!
e que voz linda, catita...

CHEFE

Fala melhor a cantar
do que eu a assobiar...

UMBELINA

O Chefe não dá um pio
quanto mais um assobio!

CHEFE

Acho que ninguém conhece
e pouca gente merece
os meus dotes de cantor.

Sou artista da Revista
da Rádio e da Televisão!

UMBELINA

Só me faltava mais esta!
Candidatar-se a vedeta
da canção prá Eurovisão!

CHEFE

Eu canto melhor o *rock*
do que o mambo ou o cha-cha-chá

e quando me dá o *amok*
sou o melhor que por aí há!

(O Chefe ensaia uns passos de dança e pigarreia para aclarar a voz. Para a Umbelina:)

Escuta com atenção!

(O Chefe vai tentar brilhar como cantor. Para tanto, interpreta a letra que se segue com a música «Minha Casinha», divulgada pelos 'Xutos e Pontapés'.)

Que saudades que eu tenho
da minha casa de banho
sem torneiras nem *toilette!*
Meu Deus como é bom tomar
um duche assim ao luar
sem banheira nem retrete!

(Na primeira quadra o Chefe canta imitando o estilo Ifrico; na segunda versão adopta uma postura de cantor de rock.)

Que saudades que eu tenho
da minha casa de banho

sem torneiras nem *toilette!*
Meu Deus como é bom tomar
um duche assim ao luar
sem banheira nem retrete!

CANTOR
Sensacional! Piramidal!
Chefe, és um cantor bestial!

UMBELINA
Bestial! Mas por quem és!
O Chefe merece
muitos chutos e mais pontapés!

CHEFE
Por quem és, ó Umbelina,
por quem és!
Eu não mereço ser assim acarinhado!

UMBELINA
Gostas de mim, ó cantor?

CANTOR
(cantarolando)
Ando na gasosa
á rosa formosa.
Eu quero amar-te
quero adorar-te!

UMBELINA
Ai! Com uma declaração assim
que me fará trabalhar a mim?

(Ecoa uma voz dos bastidores que se supõe ser do empregado de mesa.)

VOZ OFF

Sai uma *mousse* de chocolate prà mesa três!

CHEFE

Tu vês, Umbelina, vês?

Já começaram a pedir!

UMBELINA

Ai quem nos vai acudir

Não está ainda nada feito!

CHEFE

Eu não vejo outro jeito

senão pedir ao cantor

para ser teu ajudante.

UMBELINA

E seja já neste instante

eu não penso noutra coisa!

CHEFE

Bonifácio, meu cantor

apanhei-te a pedir esmola

e essa infracção dá prisão.

CANTOR

Tu não me fales de prisão!

Eu não quero ir de cana!

CHEFE

Chamo a Guarda Republicana

se tu não me ajudares!

UMBELINA

Senhor cantor, quer ousar
os encantos da cozinha experimentar?

CANTOR

Seja já e com agrado!
Pois quero ser o teu amado!

UMBELINA

E tu sabes cozinhar?

CANTOR

Sei as receitas a cantar!

(O cantor pega na viola e loca:)

CANTOR

A *mousse* de chocolate
que eu sei fazer dá brado!
E também sou bom na tarte
ness'arte sou celebrado.

Na cozinha sou famoso
sou melhor do que cantor
e há mesmo quem afirme
quem confirme o meu valor.

Se não conseguir triunfar
no mundo das cantorias
juro a Deus que vou ficar
célebre p'las comedorias.

Sei petiscos de deixar gago
o melhor dos cozinheiros
eu quero é ser mui bem pago
ganhar, assim, bons dinheiros.

E, se um dia, celebrarem
esta gesta de valor
vão conhecer-me não por gago
mas por cozinhar a primor.

Vou, portanto, ajudar
a preparar sobremesas
talvez eu possa alcançar
mais saborosas certezas.

UMBELINA

De certeza vais ganhar pelo menos, experiência!

CHEFE

E eu sei de ciência certa
que este rapaz tem valor
categoria, estaleca
para ser — senão cantor —
um cozinheiro a primor
Umbelina, traz o fato!

(O Chefe e Umbelina ajudam o Cantor a vestir o fato de ajudante de cozinha. Após ler envergado as vestes, ele volta a colocar a viola a tiracolo.)

UMBELINA

Vou apanhar-te o cabelo
pois comer *mousses* com pêlo...
Pouah!...

(Prendem-lhe a cabeleira em jeito de rabo de cavalo.)

UMBELINA

Para que queres tu a viola?
Tu não estás é bem da tola!

CANTOR

Será mais fácil assim
eu poder comunicar
dito a receita a cantar
e não me esquece ela a mim!

CHEFE

Essa ideia é excelente
direi mesmo sensacional!

UMBELINA

Um cozinheiro cantor
era só o que faltava
p'ra animar a cozinha
p'ra bailar um salsifré...

CHEFE

Ou tu te calas, ou há banzê!

Deixa trabalhar o artista!

(para o Cantor)

Que mandais, meu senhor?

(Intrepreta mais uma receita cantada:)

CANTOR

Chocolate derretido
e manteiga quanto baste

muito ovo bem batido
e as claras em castelo.

De açúcar um bocado

e é preciso mexer bem

assim gostava meu pai
assim me ensinou minha mãe.

Nada irá a lume brando

só a manteiga a derreter

o segredo está em mexer

a mistura muito bem.

Traz a tigela, Umbelina
e o Chefe com desvelo
junta os ovos e margarina
bate as claras em castelo.

Vai sair uma papa fina!

Ele há lá maior deleite

que poder assim ditar

uma receita a cantar?

UMBELINA

(correndo a juntar os preparativos da receita)

Isto só visto!

Contado não se acredita!

CHEFE

(sem perceber a malícia da Umbelina)

Que estás tu a dizer?

UMBELINA

Quem me havia de dizer
que eu ainda ia ver
o Chefe despromovido!

CHEFE

Ora! Isso não faz sentido!
Tu e as tuas asneiras...

(Continua a obedecer às ordens da receita do Cantor e a colocar os preparativos sobre a mesa da cozinha.)

UMBELINA

Vejo o chefe a ajudar
e o cantor a cantar!

CHEFE

Tu tens razão!
Deixemo-nos de bzarrias
e passemos às hierarquias!
Senhor cantor ajudante
venha p'ra aqui ajudar
porque agora vou eu ditar!

(O Cantor obedece, abandona a viola e coloca-se lado a lado com Umbelina. As personagens vão correr ao ritmo das palavras e das palmas do Chefe, obedecendo às suas ordens.)

CHEFE

(O Chefe vai dizer esta receita batendo com uma colher de pau ao ritmo dos BAILES MANDADOS do Algarve.)

Quero as claras bem batidas
e as gemas a preceito!
Esta *mousse* de chocolate

vai cá ser feita ao meu jeito!
O açúcar onde está?
E a manteiga derretida?
Umbelina, parte os ovos
ou dou cabo da tua vida!

E tu, cantor de má fama
bate as claras com vigor
Quem os cozinhados ama
vai fazê-los com amor!

Bate, bate, mexe, mexe!
Mexe, mexe, bate, bate!
Quero ver aparecer
essa *mousse* de chocolate.

Mais depressa, mais depressa
que o cliente espera!
Quero tudo a preceito
a sobremesa a meu jeito
pois quem espera desespera!

Mexe, mexe, bate, bate!
Mexe, mexe, bate, bate!
Eis a *mousse* de chocolate!
*(Tanto o Cantor como a Umbelina estão esfalfados após este
baile mandado, que deverá ser tão ritmado quanto possível, O
Cantor desaba sobre a mesa, mas o Chefe prossegue:)*

CHEFE

E as tacinhas onde estão?

Vão depressa procurá-las!
Uma dose dentro delas

porque os clientes estão

com vontade de papá-las!

Mais depressa, mais depressa!

Mexe as mãos, ó mandrião!

Coloca-me as três primeiras

já prontinhas no balcão!

(Umbelina faz o que o Chefe mandou e o Cantor deixa cair os braços sobre o balcão.)

CANTOR

Estou cansado, fatigado, arrasado e arrumado.

Cansa... fatiga..., arruma... *(Simula ser gago.)*

CHEFE

Vou buscar-te a viola
p'ra te poder entender.

(Afasta-se.)

Mas que raio de ajudante
eu havia de arranjar!
Um trovador que é cantante
e fica logo a arfar!

(O Chefe regressa com a viola, mas o Cantor afasta-a com um gesto e obstina-se em querer falar sem cantar.)

CANTOR

Fiquei gá... Fiquei gá. . .gá.

UMBELINA

'Tadinho! Ele é fraquinho
e ficou assim, gaguinho!
Tive uma ideia genial

sensacional
formidável!
Vou curar-lhe a gaguez!
Ora abre lá a boca!

(O Cantor abre a boca, tal qual Umbelina lhe pediu, e ela coloca-lhe a colher de pau atravessada entre os dentes.)

UMBELINA
Não custa nada tentar!
Ora experimenta falar.

CANTOR
(de colher de pau entre os dentes)

Vou experimentar de-va-va-gar
Oh que mê-metodo de espan-pantar
já falo sem ga-ga-gaguejar.

UMBELINA
Quase que já não ga-gagueja!
Credo, que isto se pega!

CHEFE

Tu tens razão, Umbelina
também sssinto presa a vvvvoz!

UMBELINA
Oh mas que irá ser de nós
se ficarmos também ga-ga-gos?

CHEFE
Tu estás a go-go-gozar comigo?

UMBELINA

Não! Estou a go-go-gozar com ele!

CANTOR

Não há mais co-co-co-lheres de pau?

CHEFE

Basta! Chega! É demais!

(Volta a ouvir-se a voz do empregado de mesa, dos bastidores.)

VOZ OFF

*As mousses de chocolate
foram todas recusadas
os clientes queixaram-se
de que pareciam estragadas.*

(As três personagens correm para o balcão da cozinha. Cada uma delas transporta uma das taças da mousse recusada.)

UMBELINA

(Mete um dedo na taça e lambe-o.)

Pouah!

Sabe mal! Em vez de sair doce
saiu amargo!

CANTOR

(de colher entre os dentes)

Deixa-me provar
um tra... um Ira... um tra...
Um trago!

(Umbelina retira-lhe a colher da boca e enfia-lhe uma valente colherada de mousse pela boca que o deixa todo lambusado.)

CHEFE

Gostas da tua receita?

Achas que ela está bem feita?

(O Cantor cospe a mousse em todas as direcções).

UMBELINA

Não gostou!

(para o Chefe)

A culpa é tua!

CHEFE

Mas é dele a receita!

UMBELINA

Foi teu o baile mandado!

CHEFE

Declino a responsabilidade

p'lo cozinhado horroroso!

(O Cantor ri silenciosamente, mas com muita vontade.)

CHEFE

Ah, tu ainda estás no gozo!

Sabes rir sem gaguejar?

Anda espera, meu menino,

que eu já te dou o gozar!

(O Chefe pega no rolo da massa e corre atrás do Cantor e da Umbelina. Para se defender, ela pega num punhado de farinha e atira-o ao Chefe. Este leva as mãos aos olhos.)

CHEFE

Ah, Umbelina malvada!
Agora não vejo nada!
Socorro! Eu estou ceguinho!

(Umbelina e o Cantor param de correr.)

UMBELINA

'Tadinho, vou ajudá-lo!
porque eu não quero cegá-lo
só quero curá-lo da mania
de andar à pancadaria
por dá cá aquela palha!

CHEFE

(enquanto permite que Umbelina lhe limpe o rosto)

Valha-me Deus
Ai Deus me valha!
Misturei-me com a canalha
e saiu tudo ao contrário.
O meu saber culinário
de cozinheiro afamado
foi ao fundo
estou desgraçado!

CANTOR

(de viola em punho)

*(O Cantor vai agora assumir uma pose tipicamente fadista.
Adopta uma atitude corporal empertigada, empunha a viola e
canta na melhor tradição do fado lisboeta:)*

CANTOR

Agora canto eu o fado

do cozinheiro, coitado
que julgava ser o rei
e não passa de um falhado.

É uma história desgraçada
que é capaz de comover

mesmo as pedras da calçada!
Como ireis ouvir e ver!

Julgava ser o rei dos cozinhados
o chefe que aqui está neste banquinho

mas ele foi meter-se em tais assados
que acabou por ficar pobre e ceguinho!
mas ele foi meter-se em tais assados
que acabou por ficar pobre e ceguinho!

Penalizada, a boa Umbelina
que na cozinha é sua ajudante
limpou-lhe os olhos cegos, a menina
enquanto escutava a voz do seu trovante.

O rei dos cozinheiros descobriu
não ser invisual, nem ter cegado
por isso um belo fado ele ouviu
já que só tinha o rosto enfarinhado,
por isso um belo fado ele ouviu
já que só tinha o rosto enfarinhado.

CHEFE
(*aplaudindo*)

Ah, tigre! Isso é que é sentimento
Isso é que é emoção!

UMBELINA

Não cozinhas patavina
Mas sabes cantar o fado
pois quanto a fazer *mousse* fina
deixa essa arte de lado!

(Ouve-se de novo a voz do empregado de mesa, dos bastidores.)

VOZ OFF

Os clientes das *mousses*
decidiram escolher
comer tarte de amendoim
barrada com *chantilly*.

(volta a verificar-se grande balbúrdia na cozinha)

CHEFE

Depressa! Tudo a ajudar
Agora quero eu brilhar
nesta minha especialidade.
Umbelina, traz a massa
que preparada já está.

(Umbelina vai buscar a massa já preparada.)

CHEFE

(para o Cantor)
Traz-me todo o *chantily*.

(O Cantor obedece.)

CHEFE

Olhai que me esquece a mim!
A manteiga de amendoim!
Umbelina, vai buscar!

UMBELINA

Precisais de algo mais?

CHEFE

Tira três massas enformadas
deita-lhe dentro amendoim.

(para o Cantor)

Bate bem o *chantilly*
sem demoras nem delongas

que um cliente que espera

quase sempre desespera.

(As três personagens afadigam-se nos preparativos.)

CANTOR

Que *chantilly* tão cremoso
deve estar delici-delici-delicioso!

CHEFE

(para a Umbelina)

Já tens as formas bem cheias
de manteiga de amendoim?

(para o Cantor)

Dá-me o *chantilly* a mim
que eu gosto de decorar
dar boa apresentação
às tartes que os clientes
vão comer com adoração.

(Depois de encher as fartes com montes de chantilly, as três personagens detêm-se a admirar a obra feita.)

UMBELINA

Que belas!

CHEFE

Estão um primor!

UMBELINA

Um amor, que admiração!

(Sub-repticiamente, o Cantor mete um dedo numa das tartes e lambe-o, O Chefe apercebe-se do que aconteceu, prepara-se para o castigar com um murro dado de cima para baixo, mas não é feliz e acaba por esmagar uma das fartes.)

CHEFE

Ah meu cantante tratante

ajudante e moinante!

Deixa-me só apanhar-te:

faço-te engolir a tarte!

(Corre atrás do Cantor, mas Umbelina detém-no.)

UMBELINA

Alto, alto e pára o baile!

P'ra evitar que aconteça

o mesmo às outras tartes

vamos pô-las, ali de parte

junto á copa da cozinha!

(Ela mesmo se encarrega de colocar as tartes. Vêem-se umas mãos pegar nelas para as levar para o salão. Entretanto o Chefe

continua a perseguir o Cantor, que voltou a colocar a colher entre os dentes.)

CANTOR

Não me apanhas, não me apanhas!
Nhã, nhâ, nhã!

CHEFE

Ai agora já perdeste a gaguez
Espera um pouco!
Eu curo-te já de vez!

(Recomeça a persegui-lo. Contudo, com um gesto imperioso, Umbelina detém-nos.)

(Aspe

UMBELINA

Chuut! Que aconteceu?

CHEFE

Que foi? Que ouviste tu?

(Umbelina dirige-se para a janela da copa. As outras personagens seguem-na.)

UMBELINA

Parece-me ouvir sururu
lá nas mesas do salão.

CHEFE

Mas que grande confusão!
Ouço palmas e palmadas!

UMBELINA

Serão pessoas encantadas
de comer tão boas tartes?

CHEFE

Vou chamar o empregado!
Se foi tão grande o agrado
sou eu quem vai agradecer
os aplausos receber
e as gorjetas recolher!

(grita)

Adelino, ó empregado
vem depressa, chega aqui!
E diz-me se eles gostaram
das tartes de *chantilly*!

(As personagens permanecem na expectativa. Subitamente irrompem dos dois lados do cenário rapazes e raparigas figurantes da Escola, que fingem ser os clientes do salão. Alguns trazem as tartes na mão.)

CHEFE

(Adiantando-se com a Umbelina para primeiro plano.)

Então, gostaram?

Querem mais?

RAPAZES E RAPARIGAS

(em coro)

Não!

(Eles atiram com as tartes ao rosto do Chefe e da Umbelina. Gera-se uma enorme confusão, ovos e farinha voando pelo ar. Neste momento final a peça ganha o ritmo dos acontecimentos do cinema cómico dos anos 20. O Cantor sobe para a mesa e canta, em jeito de despedida.)

CANTOR

Vai uma enorme confusão
nesta cozinha adoidada
eu não tenho culpa, não,
não tenho culpa de nada,

(Após a primeira quadra, também ele leva com farinha e com ovos em cima,)

Sou um cantor enfarinhado
e vejo passar pelo ar
cremes, ovos, *chantilly*
será que me vão acertar?

(O Cantor tem razão porque lhe acertam com um pedaço de chantilly).

Sinto-me bem temperado
cada vez mais inspirado
irei eu sair daqui
ainda mais enfarinhado?

(Umbelina salta também para cima da mesa com um ovo na mão e aguarda que o Cantor diga a última quadra.)

Qual será de entre nós
que agora vai apanhar
já quase perdi a voz
e já não sei que cantar!

(Umbelina prepara-se para lhe meter o ovo na boca.)

CANTOR

Os... Não! Os... não!

(Umbelina mete-lhe mesmo o ovo na boca e o Chefe grita):

CHEFE -

Vivam os cozinheiros d'Oz!

TODOS

Vivam os cozinheiros d'Oz!

(A farsa termina com espectadores e actores em alegre comunhão numa cozinha que, nos momentos finais da acção, estará um tudo nada desarrumada...).

FIM